

TENSÕES SOCIAIS NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX NAS CRÔNICAS DE LIMA BARRETO¹

Elisabete Borges Agra¹

Joaquim de Melo Azevedo S. Neto²

José Flor de Medeiros Júnior (Orientador)³

Afonso Henriques de Lima Barreto destaca-se enquanto cronista da cidade, primeiramente, pela própria trajetória pessoal e literária ambas repletas de uma revolta denunciativa frente a uma sociedade racista e hierarquizada em torno de valores excludentes, como, basicamente, podemos caracterizar as posturas dos segmentos dominantes da sociedade brasileira no início do século XX.

O presente trabalho tem como escopo à análise da narrativa construída como crônica jornalística por Lima Barreto e as dimensões representativas das exclusões sociais e relações de força na sociedade do início do século XX no Brasil captadas nesse gênero literário quando aliado ao estilo de escrita do autor.

As crônicas de Lima Barreto, escolhidas em meio a uma seleção, publicada recentemente, elaborada e prefaciada por Beatriz Resende⁴, apesar da aparente simplicidade, apresentam diversas artimanhas artísticas como o dialogismo do autor, que equilibra o coloquial e o literário tornando possível que as sensibilidades e espontaneidades do escritor reflitam em seu texto em forma de provocação e de críticas as relações de poder vivenciadas na sociedade de sua época, tendo um caráter de contestação e reflexão sobre as tensões sociais do Brasil republicano.

Beatriz Resende organizou o volume de *Melhores crônicas* de Lima Barreto em seis tópicos divididos por temáticas abordadas pelo escritor, sendo estes: *Subúrbios cariocas*, *O cotidiano da capital*, *Reformas urbanas*, *Mulheres*, *Vida literária* e *Lutas políticas*. Ao longo deste trabalho, iremos analisar algumas das temáticas mencionadas desde que tragam em seu teor os pressupostos necessários que possam ser correlacionados com as realidades sociais e as contradições decorrentes dessas realidades vivenciadas na época, no Brasil, levando em conta como pontua Jorge de Sá que: “a atmosfera política reafirma, assim, o valor sociológico da crônica na construção do painel de uma época”⁵.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Usos da Literatura pela História: Fontes, Fatos e Narrativas”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduada em Letras pela UEPB, especialista em Literatura pela UFCG e mestranda em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. E-mail: elisabeteagra@hotmail.com

³ Graduando em História pela UEPB e bolsista do programa PROINCI/PIBIC. E-mail: joaquim.de.melo@gmail.com

⁴ E-mail: juniorf@terra.com.br

⁵ Devido a fatores práticos, decidimos retirar as citações das crônicas analisadas de LIMA BARRETO. *Melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2005. Porém, para uma leitura profunda das crônicas do autor, recomendamos os dois volumes de *Toda crônica*. Organização de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

⁶ SÁ. 2002, p. 19

Dentro dessa ótica, podemos compreender que enquanto, na literatura, como afirma o historiador E. Hobsbawm, no início do século XX, tanto se veiculava opiniões profundamente conservadoras quanto existia uma vanguarda não européia comprometida com as representações do sofrimento que era acometido as minorias, quase sempre representações moldadas por uma forte retórica socialista. Para essa vanguarda cabia “(...) *erguer o véu e apresentar a realidade contemporânea de seus povos*.”⁶

Assim, Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881, filho do tipógrafo mulato João Henriques e da professora, também mulata, Amália Augusta, de quem fica órfão aos seis anos de idade, convive e cresce sentindo o peso da exclusão a que fora acometido em virtude dos estigmas social e racial em que estava inserido⁷. Essa exclusão refletirá em toda a obra do escritor, tanto que o ideal barretiano que transparece nas estruturas típicas da crônica consiste na representação e contestação da realidade, a partir de freqüentes notações do cotidiano que visam caricaturar os valores vigentes de sua época e, como observa Antônio Cândido, fazer oposição aos padrões estéticos dominantes e oficiais, questionando assim, toda uma hierarquia de poder entre as relações sociais de sua época⁸.

Nesse sentido, Lima Barreto concebe a escrita da literatura enquanto manifestação artística socializante com um potencial extremamente unificador entre os homens, quando esta se atém à representação dos conflitos e das dores intrínsecos a condição dos indivíduos:

“(...) a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, de força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos”.⁹

Quando tratamos da ontologia presente no conteúdo da escrita de Lima Barreto, podemos notar como o autor encaixa-se na definição de intelectual maldito discutida por Horácio Gonzáles no ensaio *O que são intelectuais*. Para H. Gonzáles, o termo maldito sugere o significado da relação desses pensadores com a sociedade a qual estão inseridos. Assim, portar uma série de saberes e refletir criticamente deixa de ser uma dádiva para se tornar uma maldição:

“Esse (...) intelectual assim gestado não raro fruirá muito mais seus comprometimentos possíveis com marginais, derrotados, vencidos e humilhados. (...) O intelectual – diz-se – nada compreenderá da vida social se não ensaiar em seu próprio corpo e com a própria vida todas

⁶ HOBSBAWN, 1995, p.190

⁷ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 2002.

⁸ CÂNDIDO. 2000, p. 41

⁹ LIMA BARRETO. 1921, p. 58

as formas possíveis de humilhação social, encarnando e sofrendo em carne viva as rotinas sociais da opressão”.¹⁰

Na crônica *A estação*, publicada primeiramente em 1921, Lima Barreto se vale do elemento moderno - as estações das estradas de ferro dos subúrbios cariocas chegando a taxá-las, ironicamente, de eixos da vida nos subúrbios. O autor fala sobre as quatro principais estações que se situavam nas periferias urbanas do Rio, dando destaque para a estação do Méier e a intensa atividade comercial que se desenvolvia em torno dela. Sendo, na opinião do autor, as padarias, botequins, confeitarias, cinemas, circos, casas de jogos verdadeiros motivos de orgulho para os subúrbios e os suburbanos. Ainda sobre a possibilidade levantada pelo cronista no início da narrativa, em que afirma que:

“Na vida dos subúrbios, a estação da estrada de ferro representa um grande papel: é o centro, é o eixo dessa vida. Antigamente, quando ainda não havia por aquelas bandas jardins e cinemas, era o lugar predileto para os passeios domingueiros das meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela.”¹¹

Podemos afirmar que esse trecho a narrativa se apresenta como tema da resistência através da escrita irônica do autor, pois o narrador constata a realidade – a chegada da modernidade – através da metáfora da estação de trem e, ao mesmo tempo, contesta essa realidade, quando afirma com veemência que antigamente aquele lugar servia para passeios, namoros entre outros prazeres, no entanto, esse narrador percebe que esse lugar prazeroso cedeu vez a essa modernidade através do aglomerado de casas comerciais em torno dessa estação. As pessoas agora, passeiam por ali e se embelezam não mais com os passeios corriqueiros, mas sim, enchendo os olhos com os prazeres que as casas comerciais tendem a oferecer.

“Hoje mesmo, a gare suburbana não perdeu de todo essa feição de ponto de recreio, de encontro e conversa. Há alguma que ainda a mantém tenazmente, como Cascadura, Madureira... De resto, é em torno da “estação” que se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda.”¹²

Segundo Alfredo Bosi o conceito de resistência aplicado à narrativa tem se efetivado sob duas óticas que não se excluem. Do ponto de vista do tema e do ponto de vista da escrita.

“Arriscando um caminho exploratório, eu diria que a idéia de resistência, quando conjugada à de narrativa, tem sido realizada de duas maneiras que não se excluem necessariamente: a) a resistência se dá como tema; b) a resistência se dá como processo inerente à escrita.”¹³

¹⁰ GONZÁLES. 2001, P. 15-20

¹¹ LIMA BARRETO. 2005, p. 21

¹² Idem, p. 21

¹³ BOSI. (2006)

Lima Barreto com sua estilística constata e contesta a chegada do comércio de exploração nos subúrbios em que o ponto de chegada é caracterizado pela estação. O termo estação colocado entre aspas reforça a idéia inicial do texto: “ é o centro, é o eixo dessa vida”. De maneira irônica, o narrador chama a atenção para tudo que gira em torno dela e utiliza a digressão para fazer com que o leitor volte um pouco no tempo e perceba as mudanças profundas no cotidiano daqueles moradores, ou seja, quais eram as suas pretensões e/ou ambições e quais são as de hoje. Através dessa ironia o autor atenta para se fazer uma reflexão do que era a vida suburbana antes e depois da estação. Nesse sentido, a crônica interfere nos atos cotidianos, na trama social, denunciando-a e insistindo para mudança de valores, se pelo ,menos não houver mudança, que se perceba o quão são impostos os valores do momento.

“ O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro, pelejando para alterá-la, só o faz enquanto é movido por valores. Estes, por seu turno, repelem e combatem os antivalores respectivos.” ¹⁴

Denuncia também os atos arbitrários e abusivos daqueles que detêm o poder. Mostra de forma clara, e novamente irônica, os abusos que cometem aqueles que permanecem manipulando e transformando os valores de um povo. A facilidade com que as autoridades se calam diante desses abusos é inerente à condição de impunidade no nosso país de ontem e de hoje. O narrador chega a ser sarcástico ao ilustrar os atos arbitrários através dos vários exemplos irônicos de como funciona o comércio dos grandes subúrbios do Rio de Janeiro:

“É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos. Tem confeitarias decentes, botequins freqüentados; tem padarias que fabricam pães, estimados e procurados; tem dois cinemas, um dos quais funciona em casa edificada adrede; tem um circo teatro, tosco, mas tem; tem casas de jogo patenteadas e garantidas pela virtude, nunca posta em dúvida, do Estado, e tem boêmios, um tanto de segunda mão; e outras perfeições urbanas, quer honestas, quer desonestas”. ¹⁵

Percebe-se o tom irônico quando o narrador se refere ao Estado, ao descaso das autoridades para com as impunidades que ocorrem a qualquer hora no dia-a-dia suburbano. O caráter denunciador da crônica faz presente também quando o escritor se atém a escutar a conversa entre dois funcionários públicos sentados nos bancos da estação, dois burocratas, como o narrador faz questão de destacá-los. As críticas do autor recaem sobre a postura arrogante e presunçosa quando um desses senhores em um diálogo sobre

¹⁴ Ibid. p.120

¹⁵ Ibid. p. 22

gramática portuguesa dá a entender que seus conhecimentos lingüísticos são mais um fator de distinção social que venham a inferiorizar mais ainda os anônimos diante de sua figura. Como recurso estilístico, Lima Barreto reduz o esnobe membro da classe média brasileira a um arremedo dos refinados cavaleiros europeus:

“Falava sem interrupção, como um papagaio, cheio de suficiência e presunção. Conhecia-o de vista. Certas manhãs, quando ia ler os jornais no botequim mais próximo de casa, via-o a cavalo, reluzentes meias-botas de verniz, esporas de prata, chicote de castão e correntinha também de prata, via-o em cima de um cavalo xucro, felpudo, feio, esticando o pescoço muito para frente, num esforço doido para carregar o seu pimpão de cavaleiro, que, na sela, ia de baixo para cima e vice-versa. Mas sem perder nunca, na fisionomia, o ar de fidalgo rico que passeia a cavalo, no Bois de Boulogne, a sua prosápia e a sua *morgue*”.¹⁶

Lima Barreto ao acatar a missão de escriba do cotidiano, enquanto cronista, critica a forma como os brasileiros absorvem os valores europeus. Evidentemente, que essa característica não poderia faltar na obra, uma vez que o autor se encontra em um momento em que a literatura procura buscar algo genuinamente brasileiro, por isso ele recheia o seu texto com tantos exemplos irônicos atentando o leitor a perceber o quanto da futilidade européia o nosso país importa. Além disso, ele também evidencia a esse mesmo leitor de que forma uma conversa banal entre duas pessoas em um banco de uma estação ferroviária pode servir para a afirmação de diversos preconceitos sociais. Como cita Jorge de Sá, geralmente, o cronista se atém a narrar verossimilmente fatos banais “*para fazer com que seus leitores alcancem o que está além da banalidade*”.¹⁷ Implicitamente, o autor revela a tensão gerada quando diversos segmentos sociais são obrigados a freqüentar o mesmo espaço físico para a realização de suas rotinas, enfocando a arrogância e a hipocrisia do funcionário público que depende dos transportes suburbanos para se locomover, mas que não assume de forma alguma a condição de suburbano, inferiorizando os que assim julga agindo com ares de fidalgo. A crítica é tão explícita que não faltam exemplos dos abusos cometidos pelo Estado e por quem o representa. Ao narrar a diálogo entre os dois funcionários públicos, o autor não só alerta para a prepotência e preconceito desferidos por eles, como também, para o cinismo com que esse tipo de trabalhador exalta a sua função como um trabalho árduo digno de grande remuneração. Percebe que o cronista ironicamente acentua a conversa entre os funcionários no momento em que reclamam dos baixos ordenados:

“ – Como é que eu, diz o pançudo; eu, um alto funcionário do***, posso ganhar o mesmo que ganhava há dez anos passados? Não é um absurdo? Tudo encareceu, passou ao dobro, ao triplo... Já não digo o armazém; mas devido à minha posição, tenho que me apresentar decente

¹⁶ Ibid. p. 28

¹⁷ SÁ. Op. cit, p.47

na sociedade, eu e meus...No começo deste mês gastei – só de sapatos para a família – cento e oitenta e cinco mil-réis...Pode-se lá viver com oitocentos e poucos mil-réis? Não é possível”.¹⁸

Diante disso, este narrador se comporta sarcasticamente e implicitamente, através de uma linguagem que conduz o leitor a perceber o quão é insignificante a lamentação do funcionário diante dos verdadeiros trabalhadores que vivem horas a fio tentando conseguir pelos menos, algum numerário que lhes sirva ao menos para sobreviver.

Mais uma vez percebemos o quanto à escrita de Lima Barreto se mostra como resistência, pois sua narrativa mostra sem alusão a uma ideologia dominante, sem uma formalidade lingüística, o quanto essa vida presenciada pelo narrador não passa de uma atividade mecânica, monótona cuja repetição não passa “de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida.”

Finalmente a crônica “A estação” é encerrada com uma descrição metafórica do trem em que o narrador se detém aos mínimos detalhes com o intuito de deixar aberta uma reflexão para aqueles que fatalmente estão inseridos nesta modernidade, ou seja, a população que quer queira quer não se beneficia com esse monstro moderno e que também pode ser engolida por ele:

“(...) vi bem de perto aquele monstro negro, com manchas amarelas de cobre, dessorando graxa, azeite, expectorando fumaça e vapor. Recordei-me dos animais antediluvianos, do megatério, de todos esses bichos disformes de épocas longínquas. Nenhum se parecia com aquele que passara pelos meus olhos, no momento. É um monstro sem parentes na natureza; é um parto teratológico da inteligência humana. (...) É deveras um monstro nascido sem modelo, da nossa mentalidade.”¹⁹

Portanto, encerra-se aí, a visão de um escritor que faz, através da observação do cotidiano, uma escrita voltada para uma reflexão acerca de todos os dispositivos que compõem a modernidade e de como tais mecanismos são oferecidos à sociedade e como ela lida pacificamente com eles.

Assim sendo, essa subversão narrativa que conduz ao acirramento do confronto entre preceitos estéticos e pressupostos políticos, escrita como se fosse o depoimento de uma testemunha, desemboca claramente em uma literatura de contestação que condiz com a atitude agressiva de Lima Barreto ao retratar a sociedade republicana do Brasil, como cita Nicolau Sevcenko:

“O autor caracterizava essa nova sociedade de referências fluídas como a ‘societas sceleris’, ou seja, o sistema que premiava a ‘brutalidade’, o ‘egoísmo’, o ‘banal’, a ‘decadência dos costumes’, o ‘gosto de massa’ e o ‘preconceito’ (...). Daí o desenvolvimento do ‘canibalismo dos argentários’ e a transformação do ‘preconceito em conceito’. A riqueza, as posições, os cargos, os símbolos de distinção, de carreira e o saber passaram a exercer a indigna função de separar

¹⁸ Ibid. p. 27

¹⁹ Ibid. p. 29

e indispor os homens entre si, enquanto a República cumpriria o papel de "enriquecer os ricos e empobrecer os pobres".²⁰

Na crônica *A biblioteca*, de 1915, Lima Barreto protesta contra a transferência da Biblioteca Nacional, antes localizada em instalações mais modestas, para um suntuoso prédio do Governo. Para o autor, essa transferência é uma manobra das elites sócio-políticas para intimidar as minorias que por ventura queiram ter acesso ao saber contido no edifício. Tendo conhecimento de que as exclusões que permeiam as relações sociais entre dominantes e subalternos também estão associadas à apropriação do saber, Lima Barreto dispara críticas a essa medida oficial:

"O Estado tem curiosas percepções e esta, de abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em suntuoso palácio intimidador, é das mais curiosas.

Ninguém compreende que se subam as escadas de Versalhes senão de calção, espadim e meias de seda; não se pode compreender subindo os degraus da Ópera, do Garnier, mulheres sem decotes e colantes de brilhantes, de mil francos; como é que o Estado quer que os malvestidos, os tristes, os que não tem livros caros, os maltrapilhos "fazedores de diamantes" avancem por escadarias suntuosas para consultar uma obra rara, com cujo manuseio, num dizer aí das ruas, tem a sensação de estar pregando a mulher de seu amor?

A velha biblioteca era melhor, mais acolhedora e não tinha a empáfia da atual."²¹

Fica evidente assim o conflito entre as instituições de sua época e o escritor que quer fazer com que a opinião pública escute a voz daqueles que, tal qual a do próprio, foram diversas vezes silenciados. Nesse trecho quando o autor traz a tona uma versão inovadora nos registros que abordaram a transferência da sede da Biblioteca Nacional, dissonante das fontes oficiais, podemos perceber, como pontua Mario Chagas, que "*a memória pela imagem e a memória pela palavra, sem subordinação, potencializam-se*".²²

Questionando novamente os poderes oficiais, na crônica *O Conselho Municipal e a arte*, de 1920, Lima Barreto quer desmascarar os políticos e seus representantes que vinham até então justificando a designação de impostos, no Rio de Janeiro, com o discurso de que a captação desses recursos serviria para a construção de um notável teatro, nominado Teatro Brasileiro, o qual deveria ser responsável por uma verdadeira redenção cultural nacional. O escritor chama a atenção para o envolvimento da municipalidade na construção de outro teatro suntuoso, erguido às custas de doze mil réis, sob pretexto de servir para a educação artística do povo, mas que, na verdade, serviram para entretenimento de uma seleta camada social e para enriquecer mais ainda aqueles que desfrutavam do clientelismo político da época:

²⁰ SEVCENKO. 2003, p. 225

²¹ Idem, p. 64-5

²² CHAGAS. 2003, p. 168

“[esse teatro] Para o povo não tem serventia alguma, pois é luxuoso demais, para a arte dramática nacional, de nada serve, pois custou cerca de doze mil contos, fora o preço dos remendos. Enriqueceu muita gente... tem servido para que uma burguesia rica, ou que se finge rica, exiba suas mulheres e filhas, suas jóias e seus vestidos, em espetáculos de companhias estrangeiras, líricas ou não, para o que o pobre mulato pé no chão, que colhe bananas em Guaratiba, contribui sob a forma de subvenção municipal as referidas companhias. Povo? Níqueis...

No porão, sob o olhar de cornudos touros de faiança, todas as noites as *coccotes chics* e os rapazes ricos se embriagam, perfeitamente a parisiense. Para isto, não era preciso gastar tanto dinheiro e amolar o povo com a sua educação.”²³

Esse trecho transborda em interlocuções que estão presentes entre o fazer artístico do escritor e seu contexto sócio-cultural. A evidência de uma dominância social que é denunciada sob forma de crítica, tanto política quanto cultural, direcionada para as classes abastadas em nome de segmentos populares revela a importância da crônica enquanto *testemunho histórico*. Assim, como coloca Sandra J. Pesavento, no ensaio *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura*, não podemos deixar de considerar que “o texto literário se contextualiza e recompõe um ambiente (...)”.²⁴

Em *Bendito football*, de 1921, o autor denuncia e ironiza o racismo presente no esporte. Primeiramente, Lima Barreto afirma ser inútil uma atividade que sirva apenas para estimular rivalidade entre bairros, movimentar apostas belicosas e servir como subsídio para divisões políticas. Mas a crítica mais ácida recai sobre o teor discutido em uma reunião do Sacro Colégio de *Football* que decidiria se seria pertinente ou não escalar atletas negros para representarem o Brasil em competições internacionais:

“A Igreja fazia, fez ou faz uma indagação semelhante que tinha o nome, se minha ignorância não me trai de *puritate sanguinis*.

(...)O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente presidente da República. Sua Excelência que está habituado a resolver questões mais difíceis como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio; as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais ou principescas, não teve dúvida em solucionar a grave questão. Foi sua resolução que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano.

(...) O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram às gordas subvenções com quem são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infiéis, não tragam também a tísia, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga por gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que houvesse tão malsinada origem.

(...) Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martirizam, torturam suas vítimas, mas as matam a final. Matem logo os de cor ; e viva o *football*, que tem dado tantos homens eminentes ao Brasil! Viva!”²⁵

Encontramos ao longo das crônicas barretianas diversos posicionamentos contrários ao futebol e a segregação racial vivenciada no âmbito social do esporte, na época. Para o escritor, o *football*, mesmo apresentado como entretenimento para as massas e elites, não

²³ Idem, p. 72-3

²⁴ PESAVENTO. 1997, p. 828

²⁵ Idem, p. 90-1

deixa de refletir a fragmentação social que fomenta os distanciamentos culturais, étnicos, políticos etc. entre as camadas sociais: “*é o fardo do homem branco: surrar os negros, a fim de trabalharem para ele. O football não assim: não surra, humilha; não explora, mas injuria (...)*”.²⁶ Evidência de uma prática da exclusão através da estigmatização racial que se alastrou, com pleno consentimento governamental, para o âmbito do futebol, no início do século passado, somos levados a perceber, tal qual afirma o micro-historiador italiano Carlo Ginzburg, ao refutar as teses cépticas nominalistas sobre a narrativa historiográfica, que “*o estilo e a história, ao invés de se excluírem reciprocamente, estão estreitamente entrelaçados*”.²⁷

Os temas que envolvem o âmbito das tensões sociais vivenciadas no Brasil da primeira República são encontrados ao longo de diversas obras do escritor Lima Barreto, porém, por questões analíticas e metodológicas optamos por fazer o recorte dentro da produção jornalística do autor, no caso, das crônicas que se revelam como fontes dotadas de uma forte carga verossímil a respeito do cotidiano urbano e, conseqüentemente, das tramas de poder existentes nas relações sociais que preenchem esse cotidiano, construído pelo autor como um drama onde são gritantes as desigualdades entre povo e elites.

Traçamos um quadro histórico relacionado ao período de transição sócio-cultural do fim do século XIX e início do XX para percebemos de que forma podemos tratar a narrativa barretiana com a devida credibilidade enquanto fonte histórica por descrever, dentro de um contexto, vários aspectos e peculiaridades da sociedade brasileira, suas instituições e práticas. A crítica social e política inerente ao conteúdo das crônicas de Lima Barreto de forma alguma comprometem sua validade documental, pelo contrário, revelam-se como potencializadoras miméticas das relações de poder, das tensões e exclusões existentes entre um sistema social profundamente hierarquizado como o brasileiro. Nessa ótica, as reflexões, denúncias e contestações do literato Lima Barreto acerca dos problemas sociais de sua época, que acabaram selando seu posto de escritor maldito, são, inevitavelmente, muito atuais.

Enfim, entre Literatura e História há uma estreita relação que se completam. Como se nota, as crônicas de Lima Barreto representam um Brasil republicano, como em tantas outras formações sociais surgidas de um passado colonialista, caminhando para a modernidade. Nessa escrita de teor profundamente crítico se percebe um autor com uma relação visceral com a cidade do Rio de Janeiro. E nesse sentido, ela é um objeto de uma reflexão bastante apurada sobre a sociedade republicana. Suas crônicas não são acessíveis somente porque apresentam uma linguagem que se aproxima da oralidade, mas também pelos os temas de que elas tratam e, sobretudo, pelos modos como esses temas são tratados. Questões como

²⁶ Cf. Idem, p. 96 (Este fragmento remonta a outra crônica intitulada *O meu conselho*, publicada em outubro de 1921, na qual Lima Barreto tece mais comentários sobre o racismo oficializado no futebol.)

²⁷ Cf. GINZBURG. 2002, p. 104

o preconceito e as injustiças sociais, vistos nas narrativas analisadas em forma de denúncia de uma sociedade injusta que estaria entrando na modernização, mas que não pretendia que os benefícios desta abarcassem a todos, compõem o corpo temático de suas histórias. Associar Lima Barreto ao seu contexto histórico, nos permite verificar com mais clareza o viés que compõe as tensões sociais de um país composto pela a maioria da população que vive em estado de pobreza. Encontramos neste caminho entre Literatura e História um escritor possuidor de uma obra de resistência; um homem testemunha das tensões violentas que se instalam na estreiteza do contexto local – o cotidiano do Rio de Janeiro – que buscava sensibilizar o leitor a fim de conduzi-lo a tomar consciência de que são nos atos cotidianos que acontecem as grandes transformações sociais.

Portanto, devemos ler Lima Barreto porque somos de um país injusto; porque ele denuncia as injustiças sociais de maneira direta e agressiva. E finalmente, porque necessitamos entender o contexto histórico ao qual ele se encontra inserido para percebermos que História e Literatura compartilham da mesma fonte – a realidade – em que uma completa a outra.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2002. (pp. 39-50)
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CHAGAS, Mário. Memória política e política da memória. In: ABREU, Regina; _____. (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. (pp. 142-171)
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GONZALES, Horácio. O intelectual maldito. In: _____. *O que são intelectuais*. São Paulo: Brasiliense, 2001. (pp. 09-24)
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIMA BARRETO. *Melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2005.
- _____. O destino da literatura. In: *Revista Souza Cruz*. n. 58. p. 58-9, outubro, 1921.
- LENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.